

# Novas práticas, velhos padrões: o Jornalismo independente do *Nexo* diante do *newsmaking*<sup>1</sup>

Laura Gomes<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente pesquisa busca analisar os critérios de noticiabilidade do *Nexo* Jornal voltados à área ambiental. A atuação deste veículo independente e digital frente à teoria do *newsmaking* é investigada a partir dos valores-notícia, das fontes e da abordagem do *Nexo* em matérias de meio ambiente produzidas entre janeiro e setembro de 2022. O método de investigação adotado é a análise de conteúdo. A partir do estudo, foi possível compreender que a abordagem diferenciada do *Nexo* é resultado de uma construção sistêmica e aprofundada das reportagens ambientais.

**Palavras-chave:** *Nexo* jornal; *newsmaking*; valores-notícia; noticiabilidade; jornalismo ambiental; jornalismo independente; jornalismo digital.

**Abstract:** This research seeks to analyze Nexo Jornal's newsworthiness criteria with a focus on the environmental area. The performance of this independent and digital vehicle against the theory of newsmaking is investigated based on the news values, sources and approach of Nexo in environmental articles produced between January and September 2022. The investigation method adopted is the analysis of contents. From the study, it was possible to understand that Nexo's differentiated approach is the result of a systemic and in-depth construction of environmental reports.

**Keywords:** Nexo; newsmaking; news values; newsworthiness; environmental journalism; independent journalism; digital journalism.

## Introdução

O panorama atual do Jornalismo envolve a emergência de crises nas rotinas de produção, nos modelos organizacionais e na identidade profissional. A consequência é a busca por alternativas de mudança e inovação. Esta pesquisa insere-se neste contexto, pois busca compreender como o *Nexo Jornal* atua diante de um cenário no qual emergem diversos “jornalisms”.

A base teórica para entender o posicionamento do *Nexo* é a teoria do *newsmaking*, tendo como problema de pesquisa a seguinte questão: Como o jornalismo do *Nexo* se posiciona frente aos pressupostos clássicos do *newsmaking*?

O objetivo deste trabalho é analisar os critérios de noticiabilidade do *Nexo* voltados à área ambiental. Os objetivos específicos são compreender como o modelo de Jornalismo

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao curso de Jornalismo, área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana (UFN), como requisito parcial para obtenção do grau de Jornalista – Bacharel em Jornalismo, sob orientação da professora Neli Mombelli.

<sup>2</sup> Acadêmica do 8º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: laura.agomes@ufn.edu.br.

independente do *Nexo* influencia na construção de notícias; investigar a abordagem das pautas ambientais do *Nexo*; e verificar como se dá o tratamento das fontes nas reportagens.

Além de propor discussões acerca das novas formas de Jornalismo, a pesquisa também procura incentivar debates teóricos acerca do Jornalismo independente, temática que ainda carece de uma definição e é pouco trabalhada na literatura acadêmica. Nesta mesma perspectiva, o trabalho pretende oferecer mais espaço para as pautas ambientais, que, atualmente, estão crescendo e conseguindo alcançar mais visibilidade tanto na prática jornalística, quanto na academia. A escolha do *Nexo* como objeto de pesquisa representa também um caminho para pensar sobre os questionamentos e os problemas no que tange ao financiamento e ao modelo de produção e construção de notícias.

Para desenvolver este trabalho é utilizada a teoria do *newsmaking* tendo como base os autores Traquina (2005) e Wolf (2005). Já os estudos de Karpinnen e Moe (2016) auxiliam na conceituação de Jornalismo independente. Com relação ao Jornalismo digital e o conceito de nativos digitais destacam-se as produções de Canavilhas (2014) e Trujillo e Montero (2019). Para discutir Jornalismo ambiental, a pesquisa emprega os trabalhos de Bueno (2007) e Girard et. al (2012).

A metodologia da pesquisa adotada é a análise de conteúdo de nove matérias da editoria do meio ambiente publicadas na seção Expresso do *Nexo* durante os meses de janeiro a setembro de 2022. Apesar de utilizar o *newsmaking*, o método de análise deste trabalho é centrado apenas na noticiabilidade e nos valores-notícia. Isso justifica-se pois, para fazer uma análise completa da teoria e entender como funciona a rotina produtiva do *Nexo*, seria necessário incluir a observação participante na metodologia, o que tornou-se inviável devido ao tempo reduzido da pesquisa e dos custos de locomoção até a redação do jornal, em São Paulo.

A partir da análise, foi possível compreender que o *Nexo* traz um modelo de Jornalismo que recorre aos pressupostos clássicos, mas ainda consegue trabalhar e propor novos recortes para a informação. Esta abordagem do *Nexo* para as pautas, reflexo das dinâmicas de seleção de informações disponíveis no debate público e do tratamento privilegiado das fontes especializadas, é resultado de uma construção sistêmica e aprofundada das reportagens ambientais.

### **As mudanças no Jornalismo diante do *newsmaking***

O Jornalismo é um campo em permanente construção já que não existem definições únicas e estáticas que contemplem a diversidade de práticas relacionadas ao *fazer* jornalístico.

Nessa perspectiva, um dos principais desafios da pesquisa na área é trabalhar com a ideia de “jornalismos”, “entendendo que o jornalismo não é algo que ‘é’, mas, sim, algo que ‘se torna’, ‘que vem a ser’, ‘que está se tornando’” (DEUZE, WITSCHGE, 2016, p. 13).

É neste contexto que vários autores apontam trajetórias e caminhos que classificam e, assim, ilustram, como o jornalismo se desenvolveu até o momento atual. Apesar da distinção da abordagem entre a literatura acadêmica, o consenso que ainda permanece refere-se ao impacto da tecnologia nas rotinas de produção, no modelo organizacional e na identidade profissional.

Charron e De Bonville (2016), por exemplo, identificam que a história do Jornalismo pode ser dividida em quatro paradigmas: a partir do século XVIII, predomina o jornalismo de transmissão, caracterizado pela difusão do discurso das fontes diretamente ao público; já no século XIX, o que está em evidência é o jornalismo de opinião, que tem como base a política; uma mudança ocorre a partir do século XX, quando o jornalismo de informação prevalece e se consagra um modelo de notícia; por fim, nas décadas de 1970 e 1980 até hoje, o jornalismo da comunicação é presente, estabelecido em um cenário de hiper concorrência comercial, com a aproximação entre informação e entretenimento, assim como do jornalista com a audiência.

A mudança entre cada um destes paradigmas foi resultante de uma crise estrutural de longa duração na profissão. Para Charron (2019), atualmente não está emergindo um novo paradigma porque a identidade e os valores profissionais (estrutura) não foram alterados em função do uso de tecnologias (conjuntura).

A crise do jornalismo é a crise do financiamento da produção da informação. A crise não é de um desinteresse do público pela informação. É verdade que os jovens se interessam menos pelas atividades públicas. Sem dúvida há um problema de educação. Há relações com as instituições que mudam. Mas o comportamento em geral do público, mesmo se é prático, concreto, de leitura, nós podemos mudar: ler no tablet ao invés de ler no papel... Mas o leitor procura fundamentalmente a mesma coisa. Então não é uma crise do público. Não é uma crise do jornalismo ou no sentido de os jornalistas não saberem mais como fazer o seu trabalho. Eles sabem como fazer. Financiar é que eles não sabem como. [...] a crise do jornalismo é uma crise real no sentido de que o jornalismo é uma instituição e que não sabemos mais como fazê-la funcionar, como financiá-la (CHARRON, 2019, p. 10).

Esta questão está diretamente relacionada ao objeto de estudo desta pesquisa, pois o Nexo surge, em novembro de 2015, neste contexto, com uma proposta de financiamento *paywall*, ou seja, receita majoritariamente advinda de assinaturas, o que é distinto do modelo dependente da publicidade adotado pelas mídias tradicionais. O veículo também nasce imerso no ambiente online, sendo, por isso, denominado como um nativo digital.

O cenário é de declínio do jornal impresso diante da ascensão do jornalismo digital, o que teve impacto direto nas receitas publicitárias que adivinham deste meio. Na tentativa de explorar essas duas crises (econômica e tecnológica), Anderson, Bell e Shirky (2013) propõem o conceito de jornalismo pós-industrial. O pano de fundo é a "precarização das redações, levado a cabo por um círculo vicioso entre perda de anunciantes, quedas de audiência, dificuldade de monetização em ambiente virtual e reduções massivas de custo e equipes" (COSTA, 2014).

Diante disso, o que se busca é uma redução dos custos para produzir uma notícia. Por este motivo, os autores apontam a necessidade de utilizar a tecnologia para se repensar os modelos de produção e os processos organizacionais:

O jornalismo pós-industrial pressupõe que as instituições existentes perderão receita e participação de mercado e que, se quiserem manter ou mesmo aumentar sua relevância, terão que aproveitar os novos métodos e processos de trabalho proporcionados pela mídia digital. Essa reestruturação significará repensar todos os aspectos organizacionais da produção de notícias – maior abertura a parcerias; maior dependência de dados publicamente disponíveis; aumento do uso de indivíduos, multidões e máquinas para produzir matéria-prima; e até mesmo o aumento da dependência de máquinas para produzir parte da produção<sup>3</sup> (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013, p. 17, tradução da autora).

Apesar do relativo distanciamento em relação à Charron (2019), Anderson, Bell e Shirky (2013) aproximam-se de Deuze e Witschge (2017), que também utilizam o conceito de jornalismo pós-industrial para contextualizar as novas tendências da área. Conforme os últimos autores, o que se observa é uma tentativa de funcionamento destas práticas recentes (reorganização dos ambientes de trabalho; fragmentação das redações; emergência de uma sociedade “redacional”, e a ubiquidade das tecnologias midiáticas) em um cenário que ainda carrega padrões considerados clássicos no *newsmaking*:

Para que o jornalismo se adapte, seus praticantes foram empurrados para desenvolver novas táticas, novas estruturas organizacionais e uma nova autoconcepção – enquanto ainda persistem velhas estruturas, rotinas e definições (de valores-notícia) (DEUZE, WITSCHGE, 2017, p. 8).

A teoria do *newsmaking* caracteriza-se como construtivista, pois considera que ao mesmo tempo em que as notícias “informam e tem referência na realidade, [...] também ajudam a construir essa mesma realidade e possuem uma lógica interna de constituição que influencia todo o processo de construção” (PENA, 2006, p. 129). Assim, a teoria busca

---

<sup>3</sup> No original: “*Post-industrial journalism assumes that the existing institutions are going to lose revenue and market share, and that if they hope to retain or even increase their relevance, they will have to take advantage of new working methods and processes afforded by digital media. This restructuring will mean rethinking every organizational aspect of news production—increased openness to partnerships; increased reliance on publicly available data; increased use of individuals, crowds and machines to produce raw material; even increased reliance on machines to produce some of the output*”.

estudar como funciona a produção de notícias a partir de dois critérios principais: cultura profissional dos jornalistas e organização do trabalho e dos processos produtivos (WOLF, 2005).

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas -, para adquirir a existência pública de notícia. [...] Pode-se dizer também que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 2005, p. 195-196).

No *newsmaking*, a aplicação da noticiabilidade ocorre por meio dos valores-notícia, que “determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável, e, por isso, possuir ‘valor-notícia’” (TRAQUINA, 2005, p. 63). Para Traquina (2005), ao longo da história, esses critérios tiveram pouca ou quase nenhuma modificação, e, assim, tornaram-se “padrões estáveis e previsíveis” que são compartilhados pela comunidade jornalística.

Traquina (2005) e Wolf (2005) indicam que os valores-notícia fazem parte de todo o processo de produção, ou seja, “estão presentes na captação das informações, na seleção dos dados, na apresentação da matéria e na distribuição” (FALCÃO, 2012, p.3). Com o objetivo de sistematizar este processo, os autores identificaram uma distinção entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção.

Os critérios de seleção podem ser divididos em: substantivos, relacionados às características do acontecimento, e contextuais, referentes ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia substantivos são sistematizados como morte, notoriedade, proximidade (geográfica e cultural), relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito/controvérsia e infração; e os valores-notícia contextuais são disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso.

Já os valores-notícia de construção, conforme Traquina (2005), são os parâmetros utilizados na apresentação do produto e envolvem elementos que identificam o que deve ser ressaltado ou omitido, como por exemplo, simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância.

Apesar de Traquina (2005) apontar que os valores-notícia são padrões estáveis e previsíveis, por outro lado, estes parâmetros também não são imutáveis. Wolf (2005, p. 205) já advertia para a qualidade dinâmica destes valores, que “mesmo apresentando uma forte homogeneidade dentro da cultura profissional, não permanecem sempre os mesmos”. Pode-se

perceber isso, por exemplo, a partir da reconfiguração desses critérios em momentos de crise, como apontado anteriormente, ou ainda com os novos arranjos no ambiente online.

Harcup e O'Neill (2001) apresentaram, no início da década 2000, uma proposta de revisão da taxonomia dos valores-notícia clássicos de Johan Galtung e Mari Ruge, primeiros autores que sistematizaram os critérios de noticiabilidade na área de pesquisa acadêmica em 1965.

Diante do potencial de transformação do Jornalismo, Harcup e O'Neill (2017), novamente, reformularam uma nova lista, que inclui: exclusividade, más notícias, conflito, surpresa, audiovisuais, *shareability*<sup>4</sup>, entretenimento, drama, *follow-up*<sup>5</sup>, elites, relevância, magnitude, celebridade, boas notícias e agenda do veículo.

A partir disso, é possível observar que a maioria dos critérios recebem novas terminações para englobar as dinâmicas atuais do Jornalismo. Dessa forma, ao mesmo tempo em que caminham para uma mudança, ainda permanecem vinculados, de alguma forma, aos preceitos clássicos.

Além da noticiabilidade, outro aspecto base do *newsmaking* são as rotinas produtivas. A lógica da teoria é de que mesmo que os valores-notícia sejam compartilhados pela comunidade jornalística, os profissionais ainda estão submetidos à influência da política editorial da empresa, ou seja, a organização específica de cada redação (TRAQUINA, 2005; WOLF, 2005). Por esta razão, é viável apenas fazer uma generalização de como ocorrem estas práticas a partir das fases principais observadas em uma rotina de produção de notícias: a coleta, a seleção e a apresentação.

A fase da coleta de materiais noticiáveis é influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias, a fim de conseguir confeccionar, a cada vez, o produto exigido. Naturalmente, isso acaba por privilegiar os canais de coleta e as fontes que mais satisfazem essa exigência: as fontes institucionais e as agências (WOLF, 2005, p. 231).

Apesar desta predominância, as fontes podem ser classificadas em outros tipos distintos, como fontes especializadas ou oficiais, por exemplo, e assumir graus de relevância diferentes na produção de notícias. A relação entre jornalista e fonte ainda pode ser observada a partir de fatores como oportunidade, produtividade, fidedignidade, confiabilidade e respeitabilidade (WOLF, 2005).

Já com relação ao material fornecido pelas agências, destaca-se a conveniência econômica para os jornais e o papel que as agências desempenham ao criar uma “homogeneidade e uniformidade sobre as definições daquilo que faz notícia” (WOLF, 2005,

---

<sup>4</sup> Capacidade de compartilhamento de uma notícia.

<sup>5</sup> Aproximação com o valor-notícia consonância; semelhante ao conceito de *suíte* no Jornalismo.

p. 245). Por outro lado, esta relação de dependência também acentua um trabalho que não busca aprofundamento ou descoberta de novos fatos pelos jornalistas.

Com base nesse material coletado, é possível fazer uma nova seleção daquelas notícias que serão transmitidas ou publicadas, ou seja, enquanto algumas não passarão pelo filtro, outras poderão ser acrescentadas de última hora (*breaking news*). Por fim, a última etapa deste processo complexo que envolve as rotinas de produção tem uma finalidade distinta quando comparada às duas primeiras:

Se todas as fases precedentes agem no sentido de *descontextualizar* os acontecimentos do âmbito social, histórico, econômico, político e cultural em que ocorrem e em que são interpretáveis (isto é, no sentido de “dobrar” os eventos às exigências da organização do trabalho informativo), nessa última fase de produção realiza-se uma operação inversa, de *recontextualizá-los*, porém dentro de um quadro diferente, no formato noticiário (WOLF, 2005, p. 259).

Além de trabalhar com a edição da notícia, nesta fase ainda é levado em consideração o público para qual o conteúdo será apresentado. Em síntese, esta sistematização do trabalho, aliada à noticiabilidade e aos valores-notícia, pressupõem a criação de uma rotina industrial, que é determinante para a produção constante de notícias (TUCHMAN apud PENA, 2006).

### **Aproximações entre nativos digitais, independência e meio ambiente**

Com a emergência da coleta e da distribuição de informações no ambiente online, surgiram novos aspectos para identificar as práticas adotadas neste espaço. Dentre as características definidas por Canavilhas (2014) estão: hipertextualidade (blocos informativos e links), multimídia (texto; fotografia; gráficos, iconografia e ilustrações; vídeo; animação digital; discurso oral; música e efeitos sonoros; vibração), interatividade (ponte com os leitores); memória (base de dados digitais), instantaneidade (velocidade na publicação), personalização (formatos), e ubiquidade (presença em todos os lugares).

Além de propiciar o surgimento de novas formas do *fazer* jornalístico, foi neste ambiente que também nasceram os primeiros jornais exclusivamente online: os nativos digitais (LENZI, 2019).

Na América Latina, a primeira transposição dos conteúdos impressos para o digital ocorreu entre 1994 e 1996 (TRUJILLO; MONTERO, 2019). No decorrer dos anos seguintes, foi possível acompanhar o que Lenzi (2019) descreve como uma tentativa de multimídia, ou seja, ainda havia a transposição do impresso para o digital, mas, agora, com a presença de elementos multimídia.

É somente entre os anos de 2010 e 2014, que se observa a criação dos jornais nativos digitais. Conforme Meléndez (2016), cerca de 73% destes veículos surgiram nesse período.

“Apesar de sua abrangência limitada, os nativos digitais estão alcançando taxas cada vez maiores de influência e impacto nas esferas de opinião e, com isso, de participação como agente de poder ou, pelo menos, de vigilância” (TRUJILLO; MONTERO, 2019, p. 314).

Dentre algumas particularidades dos nativos digitais estão a diversidade de formas de financiamento, a produção de conteúdos multimídia aprofundados voltados para nichos específicos e a aposta em uma agenda independente (TRUJILLO; MONTERO, 2019). O *Nexo* pode ser enquadrado na categoria dos nativos digitais, pois configura-se como um jornal exclusivamente online. Além disso, o veículo aproxima-se das dinâmicas estabelecidas pelos nativos digitais ao se autodeclarar como independente.

O conceito de independência no Jornalismo está em construção. Hoje, observa-se o emprego do termo em contextos distintos, tanto pela literatura acadêmica, quanto pelos veículos midiáticos que se autodenominam como independentes. Esta “elasticidade” do termo faz com que não exista uma definição universal até o momento, já que também há diferenças na aplicação do conceito entre regiões e países. No geral, a independência está relacionada à ausência de controle externo: “independência significa liberdade da influência de outros, mas também descreve a capacidade de um indivíduo ou instituição de tomar decisões e agir de acordo com sua própria lógica”<sup>6</sup> (KARPPINEN, MOE, 2016, p. 106).

Na Europa, por exemplo, o debate acerca do tema tem bases divergentes, e, em certo ponto, opostas aos estudos no Brasil. Isso porque a organização do sistema midiático europeu é diferente do brasileiro. Nos países europeus, há uma forte representação de mídia pública, financiada pelo Estado, em oposição aos veículos privados, que têm como receita, principalmente, a verba publicitária.

Neste contexto, o discurso concentra-se na independência editorial e financeira, já que existe uma contraposição sobre quais tipos de influência externa têm mais incidência nos jornais. Assim, a mídia privada se autodenomina independente, pois não sofre intervenção do governo. Por outro lado, a retórica da mídia pública destaca a independência de interesses publicitários e de proprietários de mídia (KARPPINEN; MOE, 2016).

Além disso, os autores apontam que a independência também pode estar relacionada a uma forma própria de fazer Jornalismo que não está vinculada à mídia *mainstream*. Neste ponto, a discussão aproxima-se do cenário brasileiro, no qual iniciativas que buscam contestar a lógica dominante da imprensa podem ser encontradas desde o período colonial

---

<sup>6</sup> No original: “In general terms, independence refers to an absence of external control. Independence means freedom from the influence of others, but also describes the capacity of an individual or institution to make decisions and act according to its own logic”.

(ASSIS et. al, 2017), sendo, posteriormente, denominadas como “alternativas” durante o período da ditadura militar no país.

Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. Inclusive nos anos de seu aparente sucesso, durante o chamado “milagre econômico”, de 1968 a 1973. Destoavam, assim, do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa, gerando todo um discurso alternativo. Opunham-se por princípio ao discurso oficial (KUCINSKI, 1991, p. 5).

Associado a isso, no contexto contemporâneo, o ambiente digital também proporcionou a ascensão de novos empreendimentos que questionam o que se entende por controle e dependência (KARPPINEN; MOE, 2016). Em 2016, a Agência Pública criou um Mapa do Jornalismo Independente no Brasil<sup>7</sup>, com organizações jornalísticas que nasceram na rede e que não estão ligadas a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas. Neste compilado, que reuniu 70 veículos, os termos mídia alternativa e independente são usados como sinônimos e se confundem nas definições propostas pelos próprios jornais.

Historicamente, como apresentado anteriormente, no Brasil, as bases para uma comunicação alternativa (caráter de luta e de oposição) são mais fundamentadas. Já o Jornalismo independente ainda carece de uma definição, o que não é uma problemática restrita ao país, mas acompanha discussões que ocorrem em outros lugares do mundo, como já apontado nesta pesquisa.

Em função disso, este trabalho adota a perspectiva de Karppinen e Moe (2016), que entendem o Jornalismo independente como um conceito relacional, ou seja, que assume diversas formas já que depende do contexto em que é praticado. Dentre as possibilidades de estudo e classificação, os autores propõem três perguntas: independência de quem? (sistema de mídia, organizações midiáticas, jornalismo, indivíduos); independência de que? (Estado/governo, partidos políticos, grupos de interesse, forças do mercado, corporações de mídia, mídias *mainstream*); independência por quais meios? (leis e estatutos, arranjos organizacionais, auto-regulação, diretrizes éticas, cultura profissional).

Quanto ao objeto de estudo deste trabalho, o *Nexo*, é possível perceber que o jornal se enquadra nestas perguntas porque refere-se a independência do veículo (Jornalismo) ao Estado/governo, pois não está ligado a essas instituições; a partidos políticos, porque não possui vinculação política; às forças de mercado, já que a maior parte da receita advém de assinaturas, sendo o site completamente livre de publicidade; às corporações de mídia, visto

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>.

que não faz parte dos grandes conglomerados midiáticos brasileiros; e às mídias *mainstream*, porque autodenomina-se independente e adota práticas que distanciam-se da mídia tradicional. Já os meios que justificam esta independência seriam os arranjos organizacionais e a cultura profissional.

**Tabela 1** - A independência no *Nexo*

<b>Independência de quem?</b>	<b>Independência de que?</b>	<b>Por quais meios?</b>
<i>Nexo</i> (Jornalismo)	Estado/Governo	Arranjos organizacionais
	Partidos políticos	Cultura organizacional
	Forças de mercado	
	Corporações de mídia	
	Mídias <i>mainstream</i>	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base na definição de Karppinen e Moe (2016)

Na mesma perspectiva de questionamento que o Jornalismo independente assume, o meio ambiente, enquanto editoria e especialização, também traz debates que ensejam um novo olhar para as coberturas jornalísticas e pesquisas acadêmicas.

Desde que a área começou a ganhar espaço, algumas problemáticas já eram visíveis nos veículos da grande imprensa. Bueno (2007) identifica algumas síndromes que impedem que o Jornalismo ambiental desempenhe as funções informativa, pedagógica e política que se propõem: a síndrome do zoom refere-se a uma cobertura fragmentada; a síndrome do muro alto pode ser encontrada em matérias puramente técnicas; a lattelização das fontes privilegia determinadas vozes em detrimento de outras; a síndrome das indulgências verdes reforça a adoção do “marketing verde” como solução para os problemas ambientais; e, por fim, a síndrome da baleia encalhada fala sobre a espetacularização de tragédias e a recorrência ao sensacionalismo em pautas ambientais.

Bueno (2007) se aproxima de outros autores ao reiterar a necessidade de uma visão multidisciplinar para superar estes vícios encontrados na cobertura do meio ambiente. Girardi et al (2012) reforçam este aspecto ao defender a abordagem sistêmica, ou seja, aquela que é independente, oferece espaço para diferentes vozes, supera a fragmentação, e consegue propor conexões: “O jornalismo ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal),

visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena” (GIRARDI et. al, 2012, p. 137-138).

A partir destes conceitos, nativo digital, Jornalismo independente e Jornalismo ambiental, é possível ter uma base teórica para compreender o modelo do *Nexo*, e, assim, avançar na pesquisa com uma análise de conteúdo das reportagens do veículo.

### **O newsmaking a partir da análise de conteúdo**

A metodologia adotada nesta pesquisa é a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016, s/p), este método tem como objetivo “obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens”.

Bardin (2016) indica que a aplicação deste método deve ser realizada em três etapas. A primeira consiste em uma pré-análise, fase em que são feitas a escolha dos documentos, a organização do corpus de pesquisa, a formulação das hipóteses e dos objetivos (caso ainda não tenham sido estabelecidos) e a elaboração dos indicadores de pesquisa. A segunda etapa é a exploração do material, ou seja, a fase da análise. Por fim, na última etapa, o(a) pesquisador(a) trabalha com os resultados e realiza a interpretação a partir dos dados obtidos na análise: “O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2016, s/p).

Seguindo este método, para compor o corpus desta análise, em um primeiro momento, de pré-análise, foi feito um mapeamento na editoria de meio ambiente do *Nexo* para entender quais os conteúdos, os formatos e a periodicidade de publicações. Para isso, foi criada uma tabela que continha a data, o tema, a seção, o título, a linha de apoio, os recursos e o link das matérias. A maioria destas categorias é proveniente da própria notícia/reportagem, sendo que a autora apenas criou/elencou a categoria tema como uma forma de organizar e sistematizar a análise posteriormente.

Neste primeiro filtro, que inclui o período de três meses (julho a setembro de 2022), já foi possível perceber que a maior parte das matérias de meio ambiente estavam presentes nas seções “Extra” e “Expresso”. A primeira corresponde às notícias factuais que advêm de agências, de levantamentos, de pesquisas ou outras fontes externas. Este material é, na maioria, reescrito, porém, não é ampliado. Na verdade, isso fica restrito à seção “Expresso”, a qual também traz *hard news*, mas com um aprofundamento do conteúdo, com entrevistas, gráficos, mapas e dados, por exemplo. Diante disso, a autora optou pela seleção apenas das

reportagens da seção “Expresso” para a análise, já que, estes são conteúdos próprios e originais do *Nexo*.

O restante das seções foram descartadas pois eram referentes: à reprodução na íntegra de materiais externos (Externo); à publicação de trabalhos científicos (Acadêmico); a conteúdos opinativos (Colunistas, Perspectiva e Ensaio); à transcrição de entrevistas (Entrevista); e à literatura (Trechos e Favoritos). Com relação aos temas, não foram incluídos no levantamento matérias de previsão do tempo, de curiosidades sobre o meio ambiente e de economia, na qual o meio ambiente estava em segundo plano e não era o foco principal da reportagem.

Assim, na sequência, o mapeamento ficou limitado à seção Expresso entre os meses de janeiro a setembro de 2022. Mensalmente, o *Nexo* publicou entre quatro e seis reportagens neste período. No total, foram selecionadas 39 matérias, sendo que 11 temas diferentes apareceram nestas publicações: Energia, Amazônia, Política, Mudanças Climáticas, Sustentabilidade, Pantanal, Segurança, Povos Indígenas, Desastres, Mineração e Agrotóxicos.

Para limitar este escopo para a análise de conteúdo qualitativa, o primeiro critério estabelecido foi utilizar apenas textos com pautas brasileiras. De 39, o corpus foi para 35. Em seguida, foram selecionadas matérias de janeiro a setembro de 2022 de forma que o tema não se repetisse no mês, totalizando 26 reportagens.

Para reduzir ainda mais o corpus, o terceiro parâmetro de escolha foi selecionar o primeiro tema publicado no mês. Caso o tema já tivesse sido escolhido, a segunda reportagem do período era selecionada e, assim, por diante. Se houvesse uma reportagem com dois temas, esta era a selecionada. Meses com apenas uma publicação não poderiam ter estes mesmos temas escolhidos nos outros períodos. Assim, restaram nove reportagens (Tabela 2).

**Tabela 2** - Corpus de análise

<b>Reportagem</b>	<b>Publicação<sup>8</sup></b>
1 - O que a Amazônia tem a ver com 5 temas que preocupam brasileiros	4 de setembro de 2022
2 - O que há de útil e de inútil em calcular a sua pegada de carbono	16 de agosto de 2022
3 - Rio Taquari: o desastre silencioso que atinge o Pantanal	24 de julho de 2022

<sup>8</sup> As publicações estão disponíveis em: [Reportagem 1](#); [Reportagem 2](#); [Reportagem 3](#); [Reportagem 4](#); [Reportagem 5](#); [Reportagem 6](#); [Reportagem 7](#); [Reportagem 8](#); [Reportagem 9](#).

4 - O que muda na prática com a privatização da Eletrobras	12 de junho de 2022
5 - Quais os riscos de liberar a mineração na Serra do Curral	8 de maio de 2022
6 - O que é o narcogarimpo. E como ele atinge os indígenas	12 de abril de 2022
7 - Como planos diretores podem impulsionar a recuperação verde	11 de março de 2022
8 - O que é o ‘Pacote do Veneno’. E por que ele ganhou esse apelido	10 de fevereiro de 2022
9 - Quais medidas minimizam riscos como os da tragédia de Capitólio	10 de janeiro de 2022

**Fonte:** Elaborada pela autora a partir de reportagens da seção Expresso do *Nexo*.

Na segunda etapa da análise de conteúdo, a autora fez a exploração das reportagens selecionadas a partir de três indicadores: valores-notícia, abordagem e fontes. A base para elencar os valores-notícia foi a proposta por Traquina (2005), que inclui os critérios de seleção (substantivos e contextuais) e de construção. Na abordagem, a autora procurou elementos que apontassem o foco da reportagem e a estrutura apresentada ao leitor. Já as fontes foram sendo elencadas de acordo com a aparição ou não nas matérias.

Nas próximas seções deste artigo, a terceira etapa da análise de conteúdo é realizada com a demonstração e a interpretação dos resultados encontrados na análise do material por meio dos três indicadores.

### **Valores-notícia de seleção do *Nexo***

Os valores-notícia de seleção que incluem os critérios substanciais, ou seja, aqueles relacionados à escolha do acontecimento, foram encontrados com mais facilidade na análise das matérias do *Nexo* (Gráfico 1). Todas as reportagens têm o valor-notícia **relevância**, que é observado pela “capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação” (TRAQUINA, 2005, p. 80).

Na sequência, dois textos exploram o valor-notícia **tempo**, tendo cada um bases diferentes: a reportagem 1 (O que a Amazônia tem a ver com 5 temas que preocupam brasileiros) utiliza o dia da Amazônia para falar sobre temas que influenciam diretamente na floresta e tem impacto na vida dos brasileiros; já a reportagem 8 (O que é o ‘Pacote do

Veneno'. E por que ele ganhou esse apelido) traz uma explicação detalhada de um acontecimento considerado factual, que estava em debate naquele período.

Duas reportagens foram incluídas na seleção do valor-notícia **infração**, que refere-se à quebra ou transgressão de regras. A matéria 3 (Rio Taquari: o desastre silencioso que atinge o Pantanal) apresenta como problematização a sucessão de erros que aceleraram o processo de morte do Rio Taquari. O texto deixa claro que nunca houve uma vontade política em acompanhar ou resolver esta situação, o que agrava e, ainda, legitima atitudes consideradas infratoras. Já na reportagem 6 (O que é o narcogarimpo. E como ele atinge os indígenas) é mais notável, desde o título, a presença do valor-notícia **infração**. Os valores-notícia **conflito/controvérsia** e **morte** apareceram em uma matéria cada um, respectivamente.

Sobre o restante dos critérios substantivos que não foram localizados é possível traçar algumas observações que conseguem explicar esse ponto. Por exemplo, os valores-notícia inesperado e escândalo dificilmente vão estar presentes no *Nexo* porque o objetivo do jornal não é trazer informações em primeira mão ou dar um furo na concorrência. Como é descrito pelo próprio veículo, o importante para o leitor do *Nexo* é encontrar informações que conseguem ampliar o que já está exposto no debate público.

Isso está relacionado diretamente ao valor-notícia notabilidade. Conforme Traquina (2005, p. 82), este critério “alerta-nos para a forma como o campo jornalístico está mais virado para a cobertura de acontecimentos e não problemáticas”. Em direção oposta a esse objetivo nota-se que todas as matérias do corpus de análise buscam aprofundar os principais questionamentos de temas que já foram abordados pela imprensa, geralmente apenas como acontecimentos, e que, agora, recebem uma problematização no *Nexo*. Ainda pode-se inferir que este parâmetro é diferenciado no veículo, pois é percebido que a produção das pautas não requer, na maioria, saída às ruas, por exemplo. A própria estrutura apenas digital do jornal torna mais fácil trabalhar de forma problematizadora com pautas que vão ser veiculadas em um único meio.

Outro valor-notícia que não foi encontrado é o da notoriedade. Este critério reforça a conduta e a ação de indivíduos que estão envolvidos com o acontecimento. Acredita-se que o caráter de ocupação e privilégio em uma reportagem de um único ator ou grupo social - definido por Traquina (2005) como elite - não deve ser destacado com frequência na editoria de meio ambiente e, caso tenha visibilidade, deve ficar explícito ao leitor o porquê está sendo noticiado. Isso porque pensar em meio ambiente é uma tarefa coletiva, que perpassa pelo plano individual, mas que só consegue alcançar resultados efetivos - no plano político - quando existe uma motivação e uma pressão ampla da população.

O valor-notícia proximidade também não foi verificado em nenhuma reportagem, pois as pautas são gerais tanto em termos geográficos, quanto culturais.

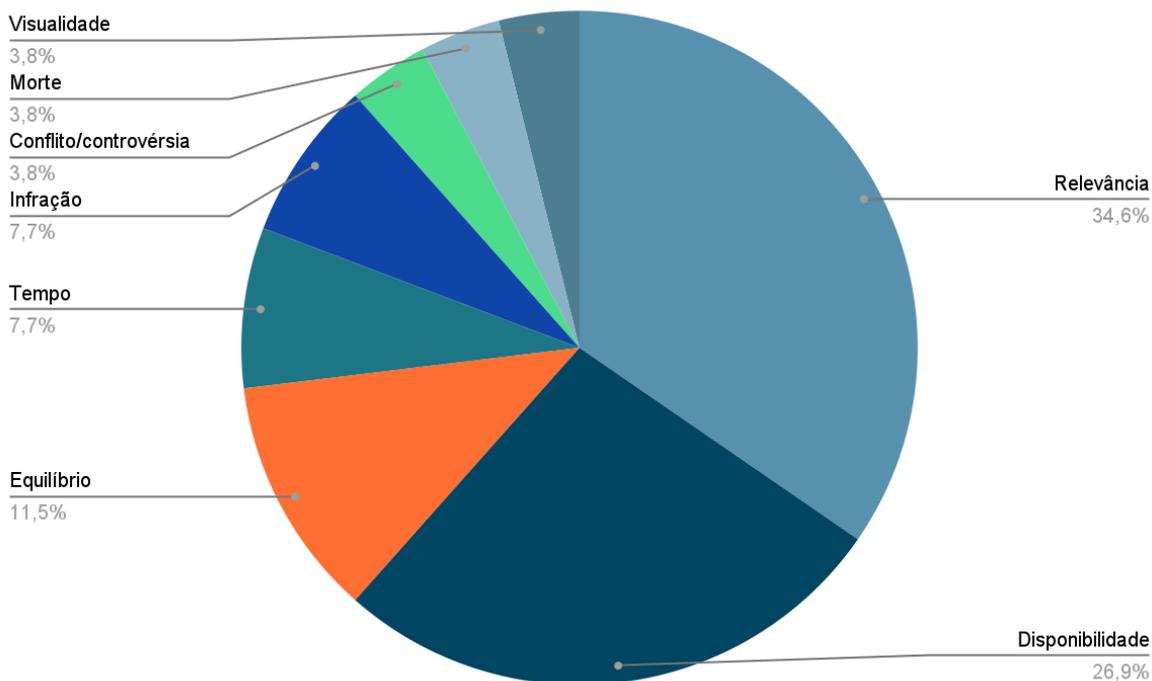
Já na análise dos valores-notícia de seleção contextuais, ou seja, aqueles que “dizem respeito à produção da notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 78), foi possível observar a aparição de três critérios: disponibilidade, equilíbrio e visualidade.

O valor-notícia **disponibilidade** foi o mais recorrente, sendo encontrado em sete matérias do corpus do trabalho. Este fator merece destaque, pois refere-se a facilidade de fazer a cobertura de determinada pauta. Nesse sentido, o *Nexo* utiliza largamente este valor-notícia, porque, como já apontado anteriormente, reaproveita informações que foram publicadas e estão presentes no debate público. O jornal também faz uso abundante de estudos, pesquisas e dados públicos. Assim, este valor-notícia está ligado diretamente às fontes, que serão abordadas na última seção.

O valor-notícia **equilíbrio** foi identificado em três reportagens que abordam temas que geralmente não têm visibilidade e, assim, são consideradas para compor a pauta do jornal. Este aspecto reforça que o *Nexo* está em busca de conteúdos que estão além daqueles veiculados nas mídias *mainstream*, ou seja, aproxima-se do conceito de independência definido por Karppinen e Moe (2016).

O critério contextual da **visualidade** teve ênfase em apenas uma reportagem, que trouxe fotos, mapa, ilustração e vídeos. No restante do corpus, a estrutura visual era composta apenas por texto e foto.

Os valores-notícia concorrência e dia noticioso não apareceram no material analisado. O primeiro pode ser justificado, como destacado anteriormente, pelo objetivo do *Nexo* em qualificar e não quantificar as informações. Já o segundo valor-notícia, dia noticioso, devido ao corpus reduzido de análise, a autora não conseguiu identificar, com precisão, se a matéria foi produzida apenas porque naquele dia/período não haviam acontecimentos suficientes para pautar.

**Gráfico 1 - Valores-notícia de seleção**

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Traquina (2005).

### Valores-notícia de construção do *Nexo*

Os valores-notícia de construção são utilizados na apresentação da reportagem. No *Nexo*, o valor-notícia **relevância** foi o mais encontrado, em sete matérias. Este critério funciona a partir da lógica de que “quanto mais ‘sentido’ a notícia dá ao acontecimento, mais hipóteses a notícia tem de ser notada” (TRAQUINA, 2005, p. 91). No objeto de estudo desta pesquisa fica claro que o tema é abordado exaustivamente para que o leitor perceba o porquê determinado assunto é, em primeiro momento, discutido, e, logo em seguida, por qual motivo deve se informar sobre o tema em questão.

Outro critério que aparece em três matérias é a **simplificação**. O ponto central deste valor-notícia reside na capacidade da reportagem ser o menos ambígua possível. Na análise do *Nexo*, o grau de compreensão do corpus não é dificultado, pois todas as informações são explicadas e contextualizadas, ou seja, o leitor não precisa recorrer à uma pesquisa para entender por completo a pauta. Justamente por este caráter de profundidade do *Nexo*, o que poderia ser visto como contraditório à simplificação, foi que a autora delimitou alguns pontos para o enquadramento neste valor-notícia, sendo eles o caráter didático, a estruturação da reportagem em itens explicativos e uma linguagem mais simplificada. Assim, foram observadas três matérias com o valor-notícia simplificação. Uma última crítica relacionada a

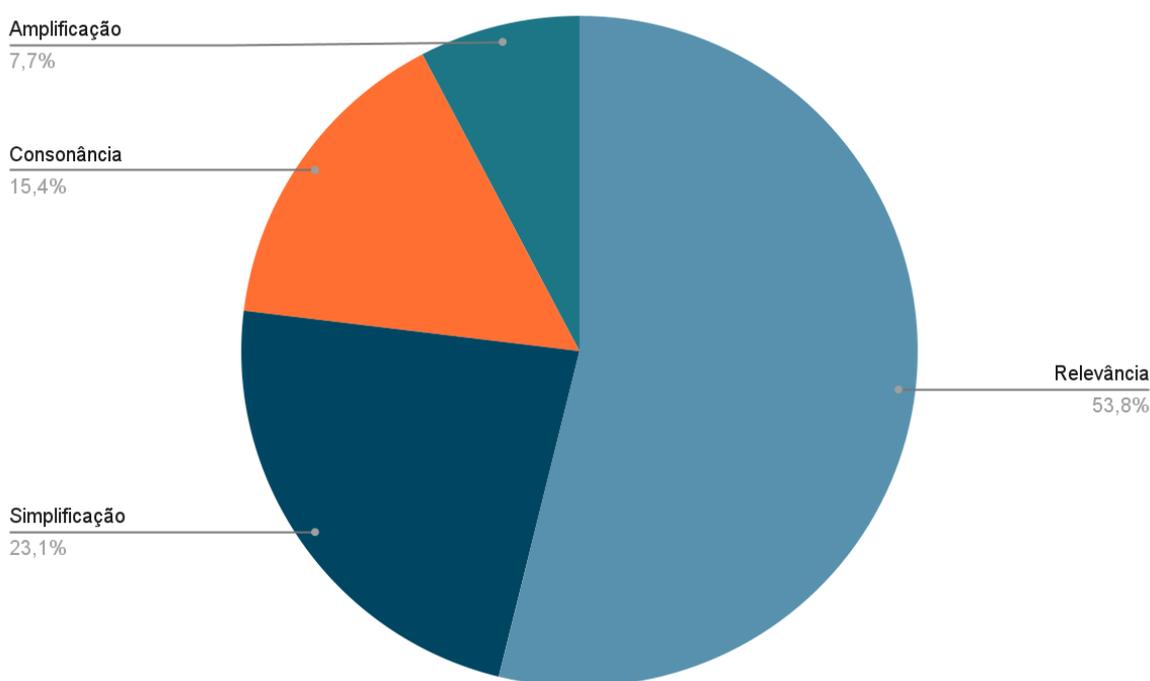
este critério está na indicação favorável de Traquina (2005) ao uso de estereótipos, clichês e ideias feitas, o que não foi verificado na construção das reportagens do *Nexo*.

Outro critério de construção considerado foi a **consonância**. Apenas duas reportagens utilizam este valor-notícia (reportagem 4 e 9), ou seja, fazem uso de “uma ‘narrativa’ já estabelecida” (TRAQUINA, 2005, p. 93).

Já a **amplificação** foi notada em apenas uma matéria (reportagem 3), que foi enquadrada neste valor-notícia pelo uso de termos como “desastre” e “silenciamento”, que evidenciam o caráter de urgência do assunto.

Os valores-notícia dramatização e personalização não foram encontrados, pois nenhuma matéria “reforçou o lado emocional” ou “acentuou o fator pessoa” na construção do texto (TRAQUINA, 2005, p. 92).

**Gráfico 2 - Valores-notícia de construção**



**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Traquina (2005).

A partir disso, constata-se que o *Nexo* utiliza os valores-notícia definidos por Traquina (2005), que são considerados clássicos no Jornalismo. O diferencial está na forma como estes critérios são incorporados pelo veículo e, posteriormente, traduzidos nas reportagens. É nítido que existe um modelo diferenciado, primeiro porque ao mesmo tempo em que é viável encaixar os conteúdos do *Nexo* na noticiabilidade e nos valores-notícia do *newsmaking*, também é evidente que alguns critérios utilizados não seguem precisamente o que indica a

teoria. Um caminho para explicar isso remonta ao início deste trabalho, o qual indica a persistência de velhos padrões, mas, agora, com novos recortes e ideias.

O ponto principal demonstrado com esta análise dos valores-notícia do *Nexo* é que o veículo tem um olhar diferenciado na dinâmica de seleção e construção de acontecimentos. As informações trazidas pelo *Nexo* são de interesse público e estão disponíveis à população tanto na imprensa quanto em outras instituições que produzem conteúdos. Porém, o veículo tem uma observação particular no tratamento das pautas, o que foi verificado a partir da investigação desta categoria e, fica ainda mais nítido, quando se estuda a abordagem proposta pelo jornal nas reportagens ambientais.

### **Abordagem**

Quatro aspectos foram observados na abordagem das matérias ambientais em análise neste trabalho. O primeiro é o **caráter sistêmico** dos textos. Como citado anteriormente, a seção *Expresso* do *Nexo* busca aprofundar determinado assunto presente no debate público. Isso é feito com contextualização histórica, uso exaustivo de fontes documentais, explicação de termos e sistematização de processos em itens, por exemplo. Além da adoção desta construção que já favorece um entendimento completo do tema, o *Nexo* traz ainda relação entre as pautas ambientais, ou seja, segue um caminho interdisciplinar que foge da fragmentação e favorece a conectividade, características do jornalismo ambiental propostas por Bueno et al. (2012). Em menor ou maior grau, a abordagem sistêmica está presente no corpus da pesquisa, sendo mais evidenciado, por exemplo, nas reportagens 1 e 4.

Um segundo ponto que pode ser verificado é a **estrutura das reportagens**. Cada uma, além da contextualização inicial da pauta, oferece um parágrafo com uma espécie de guia do que o leitor vai encontrar no texto. Esse “índice” tem como base as perguntas que a matéria vai responder. Isso também pode ser observado no próprio título das reportagens: apenas uma (reportagem 3 - Rio Taquari: o desastre silencioso que atinge o Pantanal) não contém um elemento do *lead* (o quê, quando, quem, onde, como e por que). Nesse sentido, já está implícito essa tentativa de causar curiosidade no leitor a partir das perguntas base que são utilizadas pelos jornalistas na profissão, assim como buscar traduzir muitas informações que já estão disponíveis e são conhecidas, porém, não são compreendidas pela população.

Outra questão com referência à categoria abordagem é a **temática** das pautas. Em uma pré-análise das 39 matérias selecionadas, os temas de política, mudanças climáticas, Amazônia e energia foram os mais presentes nos primeiros nove meses de 2022. Na delimitação deste corpus para nove textos, as temáticas também foram diversificadas. Apesar

de produzir uma matéria sobre o Pantanal, nenhum outro bioma foi explorado pelo jornal neste período. A Amazônia seguiu sendo a principal pauta entre os biomas brasileiros.

No entanto, é nítido que existe uma tentativa de englobar cada vez mais pautas ambientais “esquecidas” ou consideradas “fracas”. Por exemplo, a reportagem do Pantanal poderia ser claramente sobre as queimadas, o que já é usual na imprensa, e, não sobre o assoreamento do Rio Taquari. A matéria da pegada de carbono poderia apenas explicar o conceito e indicar sites para o leitor calcular seu impacto no meio ambiente, mas o *Nexo* traz uma discussão crítica sobre o porquê, na verdade, isso pode não fazer diferença na vida da população já que grandes empresas de combustíveis fósseis criaram o conceito para desviar sua responsabilidade de emissões de gás carbônico para o nível individual.

Um último item refere-se à influência de **apoio externo** às pautas. Na verdade, este ponto foi identificado somente na reportagem 7 (Como planos diretores podem impulsionar a recuperação verde). Ao final do texto, o *Nexo* esclarece que o conteúdo tem parceria com um programa da Organização das Nações Unidas (ONU), o PAGE (Parceria para Ação em Economia Verde).

Apesar de se caracterizar como uma iniciativa interessante entre imprensa e terceiro setor, a utilização de uma única fonte (advinda desta parceria) pode ser prejudicial. Inclusive, em um determinado momento da reportagem, é citado que já existiram outras ações prévias ao programa da ONU, porém, não é informado quando ocorreram, nem o primeiro impacto deste tipo de serviço na população daquele estado. O risco com esta escolha está em aderir ao discurso da fonte em toda a extensão da reportagem, não oferecendo espaço para outras iniciativas ou, até mesmo, desfavorecendo a diversidade de discursos. Apesar da crítica, a matéria está contextualizada e serve como um exemplo para se pensar e observar como o *Nexo* lida com as fontes nas reportagens de meio ambiente.

## Fontes

A análise das fontes utilizadas pelo *Nexo* corrobora o valor-notícia disponibilidade, pois percebe-se a utilização ao máximo de informações que já estão disponíveis na imprensa. O jornal faz uso expressivo de fontes documentais, como pesquisas, estudos e relatórios públicos. Em apenas uma reportagem do corpus de pesquisa, não foram encontradas este tipo de fonte.

Em seguida, o que mais aparece nos textos (cinco reportagens) são entrevistas realizadas por outros veículos, com a devida citação e referência. Já as fontes produzidas exclusivamente pelo *Nexo* apareceram em quatro reportagens. Todas estas fontes podem ser

classificadas como especialistas, pois têm amplo conhecimento sobre determinado assunto e auxiliam na interpretação dos acontecimentos (LAGE, 2003). Além disso, duas matérias utilizaram entrevistas antigas, de novembro de 2021, de junho e de março de 2022, concedidas por especialistas ao *Nexo* sobre a temática em discussão.

O jornal ainda capta fontes por meio de coletivas de imprensa ou declarações públicas, sendo mais notável esta característica para discursos de pessoas em cargos públicos, ou seja, fontes oficiais. Releases/notas à imprensa foram observados em apenas duas reportagens, sendo que a maioria eram fontes provenientes de políticos, e, em minoria, fontes institucionais/independentes, aquelas ligadas a organizações sem fins lucrativos ou grupos sociais (SCHMITZ, 2011).

**Tabela 3 - Fontes**

<b>Classificação<sup>9</sup></b>	<b>Frequência (reportagens)</b>	<b>Origem de produção</b>
Documentais	8	Públicas
Oficiais	6	Externas
Especializada	8	Exclusivas e Externas
Institucional	5	Externas

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em Pena (2006), Lage (2003) e Schmitz (2011).

A partir disso, fica claro que o *Nexo* recorre às fontes secundárias na maioria das matérias, sendo que aquelas consideradas primárias têm pouco espaço no veículo. Conforme Pena (2006), fontes primárias possuem relação direta com a informação, enquanto que as secundárias são usadas para contextualizar e complementar a reportagem. Acredita-se que este resultado da pesquisa está relacionado à prática adotada pelo *Nexo* de não sair às ruas, o que, em certo momento, enfraquece a qualidade do fator humano nos conteúdos do veículo. Por exemplo, conversar com os povos indígenas sobre os impactos do narcogarimpo ou ainda dar espaço para a população falar a opinião sobre o avanço da mineração. Na verdade, neste ponto o *Nexo* se aproxima daquilo que Bueno (2007) define e crítica como lattelização das fontes, já que é recorrente o uso de fontes acadêmicas nos textos e, assim, outras vozes acabam não sendo ouvidas.

Com base nestes resultados, é nítido que as fontes especializadas são mais exploradas pelo *Nexo*, visto que, no corpus da análise, são as únicas produzidas exclusivamente para as

<sup>9</sup> Com relação aos tipos de fonte especializada e institucional, em três reportagens, os especialistas aparecem referenciados à uma instituição. Porém, não foram contabilizados como fonte institucional pois o principal vínculo com a reportagem era com relação à *expertise* e não à instituição que trabalha.

reportagens. Apesar do espaço dos outros tipos de fontes também ser relevante, o contato entre jornalistas do *Nexo* e fontes oficial ou institucional ainda é reduzido. Novamente, a perspectiva de seleção das informações e da construção de uma abordagem particular do veículo explica o porquê determinadas fontes ganham maior espaço e destaque no *Nexo*.

### **Considerações finais**

Um campo em permanente construção, como o Jornalismo, possibilita a reorganização de modelos e de rotinas profissionais, assim como, permite a construção de novas representações do *fazer* jornalístico. Tendo como base essa perspectiva, esta pesquisa buscou analisar como o *Nexo* se posiciona neste cenário. A principal problemática foi (re)pensar o clássico para entender o novo a partir de três categorias (valores-notícia, abordagem e fontes) vinculadas ao *newsmaking* e aplicadas na análise das pautas ambientais do *Nexo*.

A partir dos resultados, foi possível observar que o *Nexo* possui uma perspectiva de construção da pauta ambiental que é diferenciada. Desde a seleção das informações até a edição das reportagens, a dinâmica é centrada em explorar o que já existe e está disponível a partir de um olhar contextualizado e explicativo.

Por esta razão, é viável enquadrar as matérias nos valores-notícia do *newsmaking*, porém, ao mesmo tempo, é preciso rever alguns parâmetros de análise para este processo. O tratamento das fontes também é considerado, pois ao optar pelo reuso de informações e de entrevistas, o *Nexo* não tem o dispêndio de sair às ruas para realizar coberturas. Isso enfraquece o fator humano nos textos, mas, consegue cumprir com o objetivo do veículo de qualificar o debate público ao trazer especialistas para interpretar acontecimentos. Ambos os fatores influenciam na entrega final ao leitor: reportagens com uma abordagem sistêmica e aprofundada dos temas ambientais.

Com estes resultados, a pesquisa amplia as discussões em torno do conceito de Jornalismo independente, da prática do *newsmaking* em um cenário de transformação e da abordagem do meio ambiente na contemporaneidade. A relação entre estes pontos possibilitou à autora o contato mais aprofundado com as bases teóricas clássicas do Jornalismo. Ao mesmo tempo, este trabalho proporcionou uma reflexão sobre as práticas da cultura profissional que foram contrapostas pelo *Nexo*, mas não interferiram na produção de um conteúdo ambiental informativo, pedagógico e político, como defendido por Bueno (2007).

Como já mencionado anteriormente, a análise não se esgota com estes resultados, já que optou-se pela realização da pesquisa tendo como base apenas a noticiabilidade e os valores-notícia. Por isso, o estudo pode ser ampliado futuramente com uma observação participante, satisfazendo, assim, uma investigação da rotina produtiva do *Nexo*. Com isso, seria possível entender de forma mais aprofundada as práticas que têm influência nos valores-notícia, nas fontes e na abordagem do *Nexo*.

### Referências bibliográficas

ALEXANDRAKIS, Fredy. O que há de útil e de inútil em calcular a sua pegada de carbono. **Nexo Jornal**, São Paulo, 16 ago. 2022. Expresso. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2022/08/16/O-que-h%C3%A1-de-%C3%BAtil-e-de-in%C3%BAtil-em-calculer-a-sua-pegada-de-carbono>. Acesso em: 30 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Quais os riscos de liberar a mineração na Serra do Curral. **Nexo Jornal**, São Paulo, 08 mai. 2022. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2022/05/08/Quais-os-riscos-de-liberar-a-minera%C3%A7%C3%A3o-na-Serra-do-Curral>. Acesso em: 30 out. 2022.

ANDERSON, Christopher William; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-Industrial Journalism: Adapting to the present**. Nova Iorque: Columbia Journalism School, 2013.

ASSIS, Evandro de. et. al. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 3 - 20, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUENO, W. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Paraná, n. 15, p. 33-44, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em: 03 out. 2022.

CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Portugal: Labcom, 2014.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.

COSTA, Andriolli. Os caminhos para um pós-jornalismo. *In*: NEUTZLING, Inácio (ed.). Jornalismo pós-industrial: caminhos para um pós-jornalismo. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, n. 447, 2014. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/447>. Acesso em: 10 set. 2022.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o Jornalismo está se tornando. **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 2, 2016. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>. Acesso em: 21 set. 2022.

GAGLIONE, Cesar. O que é o ‘Pacote do Veneno’. E por que ele ganhou esse apelido. **Nexo Jornal**, São Paulo, 10 fev. 2022. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/02/10/O-que-%C3%A9-o-%E2%80%98Pacote-do-Veneno%E2%80%99.-E-por-que-ela-ganhou-esse-apelido>. Acesso em: 30 out. 2022.

\_\_\_\_\_. Quais medidas minimizam riscos como os da tragédia de Capitólio. **Nexo Jornal**, São Paulo, 10 jan. 2022. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/01/10/Quais-medidas-minimizam-riscos-como-os-da-trag%C3%A9dia-de-Capit%C3%B3lio>. Acesso em: 02 nov. 2022.

GIRARDI, I. M. T. et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**: São Paulo, v. 34, n. 1, p. 131-152, 2012. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2972>. Acesso em: 21 out. 2022.

GUILHERMANO, Livia. A crise não é do jornalismo, mas do seu funcionamento: entrevista com Jean Charron. **Intexto**, Porto Alegre, n. 45, p. 5-15, 2019. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/82397>. Acesso em: 15 set. 2022.

FALCÃO, Carlysângela Silva. Reconfigurações da Noticiabilidade no Jornalismo Online. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35., 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. Ceará: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012.

Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/lista\\_area\\_DT1-TJ.htm](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/lista_area_DT1-TJ.htm). Acesso em: 23 out. 2022.

HARCUP, Tony; O’NEIL, Dierdre. What is news? News values revisited (again).

**Journalism Studies**, v. 18, n. 12, p. 1470-1488, 2017. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>. Acesso em: 10 out. 2022.

KARPPINEN, Kari; MOE, Hallvard. What We Talk About When Talk About “Media Independence”. **Journal of the European Institute for Communication and Culture**, v. 23, n. 2, p. 105-119, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13183222.2016.1162986>.

Acesso em: 29 set. 2022.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LENZI, Alexandre. O jornalismo nativo digital do brasileiro Nexo. *In*: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 17., 2019, Goiás. **Anais [...]**. Goiânia: SBPJor, 2019.

Disponível em:

<https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/schedConf/presentations>. Acesso em: 15 out. 2022.

MELÉNDEZ, Jordy. **Primer Estudio de Medios Digitales y Periodismo en América Latina**. México: Factual, 2016.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ROUBICEK, Marcelo. O que a Amazônia tem a ver com 5 temas que preocupam brasileiros. **Nexo Jornal**, São Paulo, 04 set. 2022. Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/09/04/O-que-a-Amaz%C3%B4nia-tem-a-ver-com-5-temas-que-preocupam-brasileiros>. Acesso em: 29 out. 2022.

\_\_\_\_\_. O que muda na prática com a privatização da Eletrobras. **Nexo Jornal**, São Paulo, 12 jun. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/06/12/O-que-muda-na-pr%C3%A1tica-com-a-privatiza%C3%A7%C3%A3o-da-Eletrbras>. Acesso em: 02 nov. 2022.

RUPP, Isadora. O que é o narcogarimpo. E como ele atinge os indígenas. **Nexo Jornal**, São Paulo, 12 abr. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/04/12/O-que-%C3%A9-o-narcogarimpo.-E-como-ele-atinge-os-ind%C3%ADgenas>. Acesso em: 28 out. 2022.

SCHMITZ, Aldo. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRUJILLO, Jimena Zuluaga; MONTERO, Silvia Marcela Gómez. Medios nativos digitais en América Latina: agenda, sostenimiento e influencia. **Chasqui - Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 141, 2019. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/3333/0>. Acesso em: 20 out. 2022.

VICK, Mariana. Rio Taquari: o desastre silencioso que atinge o Pantanal. **Nexo Jornal**, São Paulo, 24. jul. 2022. Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/07/24/Rio-Taquari-o-desastre-silencioso-que-atinge-o-Pantanal>. Acesso em: 2 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. Como planos diretores podem impulsionar a recuperação verde. **Nexo Jornal**, São Paulo, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/03/11/Como-planos-diretores-podem-impulsionar-a-recupera%C3%A7%C3%A3o-verde>. Acesso em: 02 nov. 2022.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.